

OXIGÊNIO

MAIO 2021



NÚMERO 21

DRINKS COM CHOCOLATE
PARA SE DELICIAVAR NO OUTONO



O

EDITORIAL

Porque é tempo de criar laços e reunir esforços, nesta edição de maio conjugamos os verbos agregar e incorporar.

O foco é a arte do encontro e seus encantadores diálogos.

A arte contemporânea e a arte popular; uma viagem a Alter do Chão e mais uma pela cozinha asiática.

Os 61 anos de Brasília unidos através da mostra de fotografias familiares e o relato poético da cidade vista pela janela.

O outono e os drinks com chocolate; uma conversa singular entre a arte e o design; o concurso da Getty Images e os novos cursos do Masp.

A mãe e o mar.

Para nós os elos se complementam, se completam. E junto à arte do encontro celebramos a arte da harmonia e da unidade.

Boa leitura!

Foto de capa: Drinks com chocolate, Destilaria H. Weber / Divulgação

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

O ÍNDICE

04

OXIGENE: Getty Images anuncia US\$ 85.000 em prêmios para fotojornalistas | Exposições virtuais homenageiam Frans Krajcberg no ano do seu centenário de nascimento | Exposição “*Nosso Álbum Brasília*” vai resgatar memórias da cidade | MASP Escola lança quatro novos cursos online a partir do dia 6

15

ARTIGO: A cidade nova... pela janela por Marília Panitz

19

BEBIDAS: Drinks com chocolate, para sair do óbvio

23

GASTRONOMIA: Viagem pela cozinha asiática sem sair de casa

26

CONTEMPORÂNEO POPULAR / POPULAR E CONTEMPORÂNEO por Divino Sobral

30

TURISMO: ALTER DO CHÃO – Rotina de mansidão à beira do rio

36

ARTIGO: A mãe – O mar por Renato Bezerra de Mello

39

DIRETO DE LONDRES: Arte e design em ambiente georgiano

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradores: Antonella Kann, Divino Sobral, Marília Panitz e Renato Bezerra de Mello

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

GETTY IMAGES ANUNCIA US\$ 85.000 EM PRÊMIOS PARA FOTOJORNALISTAS



Fotos: Getty Images / Divulgação

Novo programa editorial de bolsa irá premiar organizações que apoiam fotografia documental, além de fotojornalistas e cinegrafistas. As inscrições podem ser realizadas até o dia 15

A *Getty Images*, líder mundial em comunicações visuais, recebe até o dia 15 inscrições para o novo modelo do prêmio editorial destinado a auxiliar fotojornalistas e organizações que tornam possível a fotografia documental. Em paralelo, a *Inclusion Scholarships* da *Getty Images* retorna neste segundo ano para ajudar narradores de grupos sub-representados.

“Nós acreditamos no poder que a imagem editorial tem para fazer perguntas, pressionar os problemas, desafiar atitudes, mover o mundo para uma sociedade melhor”, afirma Pancho Bernasconi, VP Global de Notícias da

Getty Images. Ele destaca ainda que com o novo prêmio editorial, e com o retorno da *Inclusion Scholarships*, a *Getty* reafirma o seu comprometimento em dar suporte aos escritores editoriais em todos os níveis, possibilitando a produção de histórias significativas, sociais e inclusivas de todo o mundo.

PRÊMIO EDITORIAL GETTY IMAGES PARA PROGRAMAS DE FOTOGRAFIA

São dois prêmios de US\$15.000 para organizações que apoiam fotografia editorial e para os seus criadores, seja através de engajamento do público ou pelo desen-



Foto: Getty Images / Divulgação

volvimento profissional. Esses prêmios, baseados em projetos, são direcionados a programas educacionais, workshops, exposições e outras iniciativas que reforçam o poder da fotografia como uma mídia jornalística. Poderão se inscrever organizações não governamentais de qualquer tamanho e de qualquer lugar do mundo – <https://grants.gettyimages.com/en/grant-for-photography-programs>

PRÊMIO EDITORIAL GETTY IMAGES PARA FOTOGRAFIA: RESILIÊNCIA DA COMUNIDADE

Nessa categoria a Getty Images oferece três prêmios de US\$ 5.000 para fotógrafos e cinegrafistas que reportam histórias de resiliência da comunidade no surgimento da pandemia da Covid-19. Com esse tema, os jurados irão observar como os jornalistas visuais exibem a forma com que as comunidades ao redor do planeta estão se recuperando do vasto impacto da pan-

demia na saúde pública, empregos, educação e outros aspectos do bem estar humano. Os trabalhos devem ter como foco os indivíduos, negócios, organizações voluntárias e governos locais que ajudam as comunidades na recuperação e adaptação dos longos desafios disruptivos impostos pela pandemia.

As propostas serão julgadas por um painel de especialistas da indústria incluindo:

- Pete Souza, ex-fotógrafo Oficial da Casa Branca
- Jessica Lim, Diretora do *Festival de Fotografia Angkor*
- Katherine Pomerantz, Diretora de Fotografia da *Revista Time*
- Walter Astrada, Fotógrafo

Detalhes em:

<https://grants.gettyimages.com/en/grant-for-editorial-photography>

INCLUSION SCHOLARSHIPS DA GETTY IMAGES

Lançada em 2020, as *Inclusion Scholarships* da Getty Images estão abertas para fotojornalistas emergentes ao redor do mundo, com o intuito de promover maior diversidade e inclusão nas indústrias de fotografia e mídia.

Junto a uma seleção de associações prestigiadas de jornalismo e fotografia, o objetivo é ajudar talentos editoriais emergentes de grupos sub-representados, oferecendo a fotojornalistas aspirantes o apoio financeiro para buscarem o conhecimento que possibilitará uma carreira na indústria.

Para realizar esse feito, a Getty Images firmou parcerias com as organizações *Women Photograph*, *National Association of Black Journalists*, *Asian American Journalists Association* e a *National Association of Hispanic Journalists*, oferecendo bolsas de US\$10 mil para cada um dos seguintes prêmios:

- *Getty Images Inclusion Scholarship Women Photograph*
- *Getty Images Inclusion Scholarship - National Association of Black Journalists*
- *Getty Images Inclusion Scholarship Asian American Journalists Association*
- *Getty Images Inclusion Scholarship National Association of Hispanic Journalists*

Os prêmios editoriais e as *Inclusion Scholarships* são parte de um extenso programa de bolsas da Getty Images, que desde seu início já doou mais de US\$ 1.8 milhões para fotógrafos e cinegrafistas ao redor do mundo. informações:

<https://grants.gettyimages.com/en/getty-images-inclusion-scholarships> e

<https://grants.gettyimages.com/en/getty-images-inclusion-scholarships>



Foto: Getty Images / Divulgação

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS HOMENAGEIAM FRANS KRAJCBERG NO ANO DO SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

No projeto “Diálogos: artista e curador” as exposições são no formato de videodocumentários lançados mensalmente nas redes sociais e no site do Centro Cultural UFMG até março de 2022

Frans Krajcberg nasceu na Polônia em 1921, naturalizou-se brasileiro em 1957 e faleceu no Rio de Janeiro em 2017. Pintor, escultor, gravador, fotógrafo, artista plástico e antes de tudo um ambientalista, Krajcberg, ao longo de sua carreira, denunciou queimadas no Paraná, exploração de minério em Minas Gerais, desmatamento da Amazônia, defendeu as tartarugas marinhas que buscam o litoral do município de Nova Viçosa para desova. Dedicou sua criatividade e obra na defesa e preservação da vida. Para o artista, “...*Os seres humanos dependem da natureza mas, na verdade, não conhecem perfeitamente o seu funcionamento; por desconhecê-la, transformam-na e agredem-na.*”

Sua obra reflete a paisagem brasileira, em particular a floresta amazônica, e a sua constante preocupação com a preservação do meio-ambiente.

Krajcberg radicou-se no Brasil em 1972 vivendo no sul da Bahia, onde manteve o seu ateliê no *Sítio Natura*, em Nova Viçosa. Chegou ali a convite do amigo e arquiteto Zanine Caldas, que o ajudou a construir a habitação: uma casa a sete metros do chão, no alto de um tronco de pequi, com 2,60 metros de diâmetro.

No sítio, uma área de 1,2 km², um resquício de Mata Atlântica e de manguezal, o artista plantou mais de dez mil mudas de espécies nativas.



De cima para baixo: Frans Krajcberg, mídia promocional do programa Expedições, TV Brasil / EBC; mostra *Natura*, em SP Paulo (Foto: Cadorj / Wikipédia); *Still* do vídeo de divulgação do Centro Cultural da UFMG



MASP

Foto: Wilfredor / Wikipédia

MASP ESCOLA LANÇA QUATRO NOVOS CURSOS ON-LINE A PARTIR DO DIA 6

O MASP Escola chega este mês com quatro cursos online inéditos: “Narrativas plurais: caminhos indígenas, quilombolas e afro-diaspóricos para a descolonização”; “Histórias das exposições e crítica curatorial”; “Vestimentas e representações negras nas Histórias da arte” e “Outras histórias da sexualidade: memórias invisibilizadas e arquivos dissidentes”

As vagas são limitadas e os interessados podem se matricular pelo site oficial do museu. O MASP Escola oferece bolsas de estudo para professores da rede pública em qualquer nível de ensino; para concorrer a uma delas, os interessados devem preencher o cadastro

disponível por meio da opção *“Solicitação de bolsas para professores”* na página de cada curso.

Em 2020, devido às restrições que a pandemia do novo coronavírus provocou, o MASP Escola migrou para o

ambiente digital e, pela primeira vez, realizou cursos 100% online. Dos 37 cursos realizados no ano, 30 foram oferecidos nesse formato, contabilizando a participação de 2.276 alunos.

Outro feito inédito foi contar com presenças virtuais de alunos de diversos estados do Brasil e até de outros países. A lista inclui alunos de locais como Pernambuco, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Chile, Reino Unido e México.

Os cursos do MASP Escola têm todas as aulas transmitidas ao vivo, além de uma infraestrutura de atendimento e interatividade para promover uma experiência ativa e dinâmica de aprendizado. Participantes também podem acessar as gravações posteriormente, disponíveis por tempo limitado.

As atividades são realizadas pela plataforma *Elos*, parceira do museu. Após o encerramento, aqueles que obtiverem 75% de frequência receberão um certificado de conclusão de curso em formato digital.

Os cursos deste mês têm preços entre R\$ 240,00 e R\$ 385,00 (Amigo MASP tem 15% de desconto).

OS CURSOS

Narrativas plurais: caminhos indígenas, quilombolas e afro-diaspóricas para a descolonização

Com David Ribeiro

Às quintas: 6, 13, 20, 27/5 e 3/6

Das 19h às 21h

Quais narrativas são apresentadas por indígenas e quilombolas quando as pessoas se dedicam a ouvi-las? Depois de ouvi-las, o que cabe ao Estado, à sociedade, às ciências e aos museus na tarefa efetiva da descolonização? Essas são algumas das questões a serem abordadas.



Djanira da Motta e Silva, “Vendedora de flores”, 1947, acervo MASP, doação Orandi Momesso, 2015

Histórias das exposições e crítica curatorial

Com Mirtes Marins de Oliveira

Às quintas: 6, 13, 20, 27/5 e 3/6

Das 19h às 21h

O curso oferece ferramentas para compreender o cenário de práticas expositivas e curatoriais de forma crítica. Elenca origens dos campos das histórias das exposições e da crítica curatorial, seus termos, padrões de operação, autores e textos que configuram o território. Dessa forma, questiona a categoria *exposição*,

buscando analisar suas materialidades em contexto da experiência colonial/moderna.

Vestimentas e representações negras nas Histórias da arte

Com Hanayrá Negreiros e Juliana Ferrari Guide

Às terças: 11, 18, 25/5 e 1, 8, 15, 22 e 29/6

Das 19h às 21h

Costurando intersecções entre arte e moda, o curso traçará um percurso visual introdutório sobre representações e autorrepresentações de pessoas negras e seus modos de vestir ao longo das histórias da arte a partir do século XV. Serão analisados temas iconográficos como a adoração dos reis magos, as alegorias para os continentes e a devoção aos santos negros, assim como os retratos de pessoas negras nos séculos XIX e XX e os modernismos na arte brasileira, tendo como ponto de chegada o século XXI e as inflexões promovidas pela

produção de artistas da diáspora africana, sobretudo os afro-brasileiros.

Outras histórias da sexualidade: memórias invisibilizadas e arquivos dissidentes

Com Guilherme Altmayer

Às quartas: 12, 19, 26/5 e 2, 9/6

Das 19h às 21h

Este curso se propõe a analisar criticamente políticas de memória contemporâneas por meio do estudo de práticas estético-políticas não-normativas nas artes brasileiras. Partindo de arquivos e proposições artísticas, sexo e gênero dissidentes enquanto ferramentas para a desconstrução de dinâmicas de disciplina e controle dos corpos, serão abordadas potencialidades contra-hegemônicas para contar outras histórias de gênero e sexualidade.

SERVIÇO: Matrículas pelo link: masp.org.br/masp-escola



Roberto Burle Marx, “Sem título”, década de 1930, acervo MASP, doação Lais H. Zagbi e Telmo G. Porto, 2018



Carolina Caycedo, “Erica Malunguinho, Minha linhagem feminina brasileira de luta”, da série “Genealogia da luta”, 2018-19, acervo MASP, doação da artista, no contexto da exposição “Histórias”



Marcio Amorim
Foto: Acervo Débora Amorim

*“NOSSO ÁLBUM,
BRASÍLIA”
EXPOSIÇÃO
REÚNE FOTOS
DE ÁLBUNS
DE FAMÍLIA
PARA RESGATAR
MEMÓRIAS
DA CIDADE*

Online e interativa a mostra seleciona e premia imagens clicadas ao longo dos anos por famílias que vivem ou viveram na capital. As inscrições podem ser feitas até o dia 16

A Mostra “Nosso Álbum, Brasília” será uma criação coletiva. Irá expor um panorama das memórias da cidade de modo subjetivo, a partir das vivências e do olhar singular dos núcleos familiares que lá se estabeleceram. Com recordações analógicas, formará um grande acervo de diferentes gerações.

“A memória é para a imaginação o que o sangue é para o corpo. Tem o poder de nos conectar com o passado. De nos situar no presente. E de nos fazer sonhar um futuro com mais liberdade. A fotografia é a memória eternizada visualmente. É por meio dela que iremos celebrar e compartilhar a memória de famílias brasilienses nesses últimos 61 anos”, diz o curador e fotógrafo João Paulo Barbosa.

CONCURSO CULTURAL

O concurso cultural “Nosso Álbum, Brasília” convida o

público para inscrever fotografias de seus álbuns familiares, com o objetivo de criar um acervo coletivo para contar a história da cidade por meio de imagens analógicas e que não foram tiradas propositamente para o concurso. O diferencial desta ação é justamente o resgate da memória de Brasília com fotos verdadeiras do cotidiano de quem a habita.

Serão permitidas as inscrições de fotos históricas, fotos de revelação analógica, entre os anos de 1960, ano de inauguração da cidade, até o ano de 2010. As fotografias deverão ser digitalizadas e postadas no perfil pessoal do participante, com título, local e data em que foram capturadas, além do nome do autor e a inclusão da hashtag: *#nossoalbumbrasil*. A postagem deverá ser feita no *feed* do Instagram de perfis abertos, pois publicações em *stories* e perfis fechados dificultam a visualização. As informações serão devidamente cre-



Família Bacelar de Araujo na Catedral



Mara Amorim

Fotos: Acervo Débora Amorim



Avós e tia de Débora Amorim

Foto: Acervo Débora Amorim

ditadas pela produção do projeto nas postagens do perfil [@nossoalbumbrasil](https://www.instagram.com/nossoalbumbrasil).

Todas as imagens devem conter memórias de família em torno de algum monumento, parque, praça ou elemento que remeta à cidade. As melhores fotos serão selecionadas para compor a *Mostra Oficial* no perfil online do projeto. Os quesitos de avaliação serão originalidade, criatividade, relevância da informação, estética, apuro visual e valor histórico (memória).

PREMIAÇÃO

O concurso terá duas categorias de premiação: o júri oficial e a votação popular. Cada categoria premiará uma foto com o valor de R\$ 1.000,00 em espécie.

Uma vez selecionada para o perfil da *Mostra Oficial* "*Nosso Álbum, Brasília*", a fotografia já estará concor-

rendo automaticamente aos dois prêmios. Aquela que tiver mais curtidas no perfil do projeto, até a data estipulada, será a vencedora da categoria *Voto Popular*.

O Júri Oficial será composto por fotógrafos profissionais, especialistas em fotografia do cotidiano e cidades.

O resultado da premiação será divulgado no dia 24 de maio no Instagram [@nossoalbumbrasil](https://www.instagram.com/nossoalbumbrasil)

TRANSMISSÕES AO VIVO

A programação terá ainda a realização de transmissões ao vivo online com a participação de fotógrafos convidados, especialistas em fotografia do cotidiano.

As lives serão conduzidas pelo fotógrafo anfitrião e curador do projeto, João Paulo Barbosa, e abordarão temas como "*a fotografia usual e a sua importância*"

como o retrato de uma sociedade”, e “olhares poéticos sobre a fotografia do cotidiano”.

Este mês dois fotógrafos profissionais participarão das lives, todos com vasta experiência em linhas de trabalho que unem o tripé *Sociedade, Cidade e Fotografia*. Especialistas no registro do cotidiano das cidades de diferentes lugares do mundo, são capazes de abordar temas como o resgate da história familiar por meio de fotografias e a sensibilização do olhar poético sobre a cidade e os seres que a habitam.

Programação com transmissão no Instagram:

Dia 17, sábado, às 16h

Arthur Monteiro

“Retrato em Álbum de Família”

Fotógrafo com 23 anos de carreira. Entre as suas produções mais recentes, destaca-se a autoria do livro *“O Império do Meio”*, fruto de cinco anos de pesquisa fotográfica na China. Produziu três grandes projetos de pesquisa sobre Brasília: curadoria das revistas *Revelado* vol.1 e vol. 2, autoria do livro *“Ensaios sobre o Tempo”*, e *“Brasília Utopia”*, mostra ao ar livre na Praça do Museu Nacional. Produziu documentações fotográficas em viagens pelo Brasil, China, Índia, Nepal, Laos, Tailândia, Myanmar, França, Portugal, México, Guatemala e Argentina.

Dia 24, sábado, às 16h

Isabela Lyrio

“Álbum de Família e Memória”

Formada em Comunicação, é fotógrafa há 20 anos e au-

tora dos livros *“Ensaios sobre o Tempo”* – que aborda a temática da memória brasileira – e *“O Império do Meio”*, fotodocumentário sobre a China. Foi curadora dos livros *“Revelado”* vol.1 e vol.2”, sobre fotografia documental de Brasília. Também participou de diversas exposições, incluindo *Brasília Utopia*, que retrata o cotidiano dos moradores na capital. Foi diretora de comunicação da *Associação dos Fotógrafos de Brasília (Afoto)*, editora do portal fotográfico *Punctum* e editora de fotografia do portal *Sobresites*. Trabalhou como fotojornalista na Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília. Realizou trabalhos de documentação fotográfica em diversos países da Ásia e América Latina.

SOBRE O CURADOR

João Paulo Barbosa é historiador e fotógrafo profissional, apaixonado por viagens. Realizou exposições, livros e reportagens em cerca de 50 países. Seu trabalho de documentação fotográfica de povos e naturezas foi premiado pela *National Geographic Society*, dentre outros, e reconhecido pela Universidade de Brasília, por meio dos convites para proferir uma Aula Magna e tornar-se curador do Museu Virtual de Ciência e Tecnologia.

O projeto “Nosso Álbum, Brasília” tem o apoio do *FAC (Fundo de Apoio à Cultura)* da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF.



Foto: Vera Matagueira

A CIDADE NOVA... PELA JANELA

Texto e fotos: Marília Panitz*

O prazer que há em viajar dentro do próprio quarto está a salvo do ciúme inquieto dos homens; ele tampouco está ao sabor da fortuna. Haverá, com efeito, criatura tão infeliz, tão abandonada que não lhe reste um reduto para o qual possa se retirar e onde possa se esconder do mundo? Não é preciso outra coisa para dar início à viagem.

Xavier de Maistre – Viagem ao redor do meu quarto

Quando Brasília completou sessenta anos, estávamos no início da pandemia e do consequente confinamento (pelo menos nós, que acreditamos na ciência e que temos um mínimo garantido para que possamos nos isolar).

Ao invés da festa que ressalta a escala monumental da cidade, comemoramos de dentro de casa, na escala residencial, como é definida



pelo poeta Lucio Costa (as outras são a gregária e a bucólica, que atravessa as demais e da qual usufruo, de meu posto de observação).

O que nos unia então, ao festejo tradicional, que resalta os seus maiores ícones, de certa forma, os criadores de identidade da capital, para quem não vive ou viveu nela, era o céu. Quem mora aqui tem efetivamente o céu por companhia (minha filha, moradora de São Paulo, sempre manifesta sua saudade com essa frase: *“que falta me faz esse céu”*).

A circunstância da quarentena mudou meu olhar sobre Brasília, depois de cinquenta anos de convivência.

Acostumada a dominar suas ruas largas, seus jardins, seus cantos ligados à minha prática de ensino e curadoria de arte... ou a vê-la de cima, nas inúmeras chegadas e partidas, passei a ver a sua vida pela janela.

O tal momento de emoldurar-se no marco entre o dentro e o fora sempre me remete ao interior do Brasil, ao profundo de nossa cultura – e não foi na abissal profundidade do país-continente que o “avião-borboleta” pousou, para inaugurar um novo centro de decisões do país? –, esse lugar de troca rápida, de informação em pequenas pílulas (ao contrário das visitas), de ver o movimento, se inteirar “das modas”. Também fora do Brasil, a imagem dos confinados in-



teragindo pelas janelas, em uma Itália devastada pelo vírus, correu mundo.

Mas não é esta a janela modernista, a janela do *Plano Piloto*. Esta é solitária. O meu horário de janela tem sido, neste um ano e um mês, o fim da tarde, quando acompanho o espetáculo celeste por trás e acima da arquitetura de minha quadra. E o que se apresenta para mim é sutil, cheio de detalhes poéticos que se entregam aos poucos, já que minhas janelas são voltadas para o nascente. É no amanhecer que o espetáculo de cores se apresenta em toda a sua magnitude, mas aí eu não o vejo, a não ser nas noites insones – como para Clarice Lispector, Brasília, algumas vezes, é a minha insônia.

Minha prática cotidiana (recém-descoberta) de amor à cidade pelo seu ângulo mais discreto, se aproxima muito mais do método da personagem Auggie, do filme *“Cortina de Fumaça”* de Jim Jarmusch e Paul Auster. Todos os dias, à mesma hora, da mesma janela, com os mesmos enquadramentos, capturo imagens do entardecer. Como ele diz a seu espantado interlocutor: *“São todas iguais, mas cada uma é diferente de todas as outras. [...] É isso que recomendo. Sabe como é. Amanhã, depois de amanhã e sempre... o tempo se arrasta com seu passo miúdo”*. Agora, com um ano completado nesse exercício, talvez eu faça, como Auggie, um álbum das mesmas fotos diversas – para serem vistas uma após a outra, minha contagem de tempo.



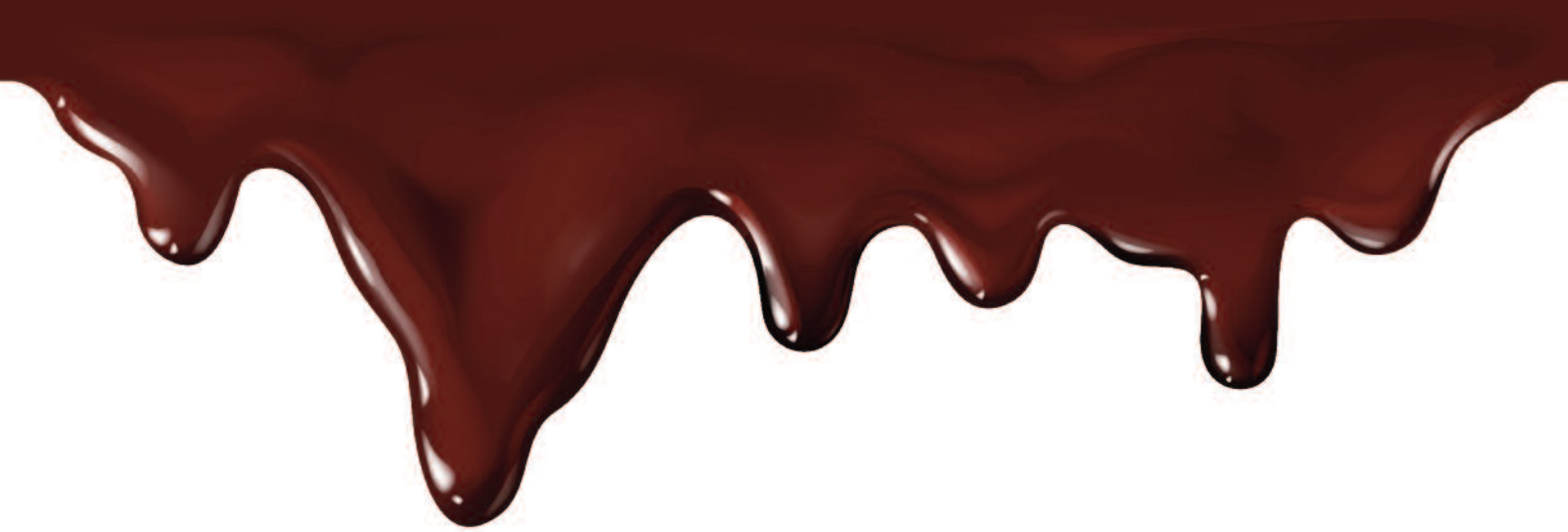
O que chama a atenção dos moradores de cidades tradicionais ou daqueles que daqui partiram e descobrem essa falta, é a visão panorâmica que as superquadras proporcionam a seus moradores. Essa ideia inovadora de posicionamento dos edifícios e seu gabarito máximo de seis andares impede os “emparedamentos” da organização urbana de grandes centros. A grande descoberta do pensamento modernista em termos de urbanismo (que remonta as indicações da Carta de Atenas) é esta garantia de um espaço – mesmo entre prédios – para buscar o horizonte.

Eu que venho do sul do Brasil e sou de família da região de fronteira com o Uruguai, tenho predileção por essa linha reta no encontro do céu com a terra. A paisagem da campanha gaúcha é das mais belas que conheço. O que não implica um desamor às montanhas (como poderia?); nada, porém, se iguala a este lugar para descansar os olhos. E o planalto central, com outra configuração e outro bioma, me restitui isso... daqui da minha janela!

Em abril, comemorei o aniversário de Brasília, através da janela. Estar em casa me ensinou a olhar o que já tenho visto distraidamente por cinquenta anos: que o monumental e o mínimo são versões de uma mesma proposta de vivência do espaço, sob o mesmo céu e sobre a mesma planura. Viva Brasília, por mais um ano... a cada novo aniversário, a cidade inventada vai se tornando mais orgânica. Como dizia seu criador, abandona a redoma e deixa de ser “flor de estufa”.

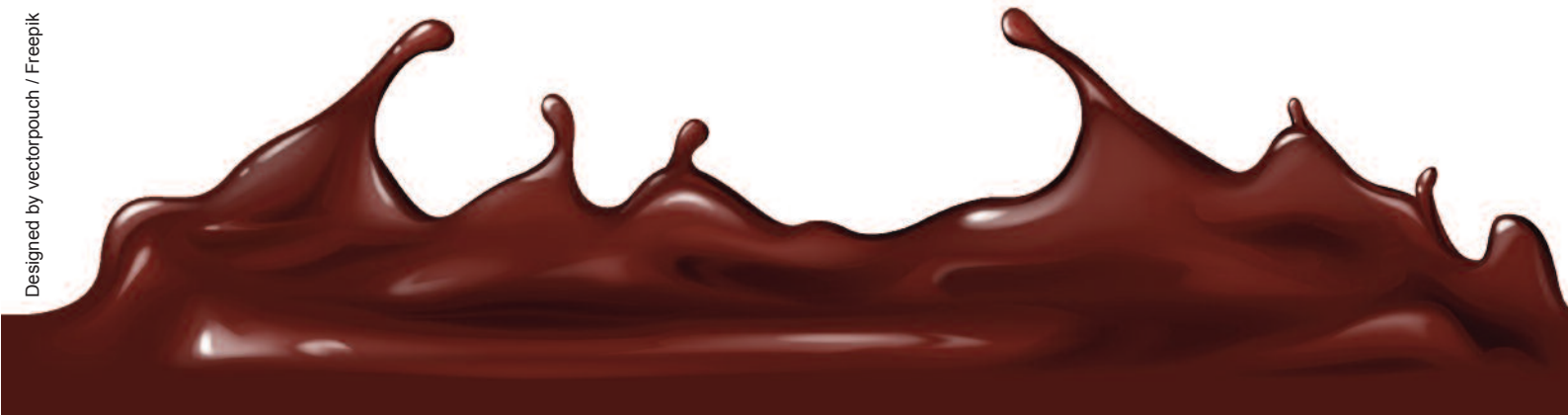
E eu vejo isso emoldurada pela minha janela...





DRINKS COM CHOCOLATE, PARA SAIR DO ÓBVIO

Muita gente não sabe, mas é possível criar drinks que levam chocolate na composição. Para quem quer inovar e saborear uma experiência gastronômica diferenciada, Mateus Weber, da destilaria H. Weber, explica o passo a passo de receitas especiais, incluindo também mousse e bombom com chocolate e cachaça. Confira.



GIN COM CHOCOLATE E LIMÃO

Ingredientes

30 ml de suco de limão

45 ml de gin

15 ml de xarope de açúcar

Pedaços de chocolate meio amargo

Gelo

Modo de preparo

Coloque todos os ingredientes em uma coqueteleira e agite bastante.

Coe a bebida em um copo e enfeite com alguns pedaços do chocolate meio amargo.



Fotos: Divulgação



MOUSSE DE CHOCOLATE COM CACHAÇA

Ingredientes

5 gemas

75 g de açúcar

5 claras

300 g de chocolate meio amargo picado

100 g de aguardente

250 g de creme de leite fresco

45 g de manteiga derretida

Modo de preparo

Após derreter o chocolate em banho-maria, mantenha-o aquecido. Em um liquidificador, misture as claras, o chocolate, a aguardente, a manteiga e o açúcar. Reserve para esfriar. Coloque as gemas em uma tigela de inox, batendo em banho-maria até formar um creme brilhante (deixe esfriar um pouco).

Bata o creme de leite gelado até firmar e triplicar de volume (chantilly). Junte as gemas batidas e o creme de chocolate.

Feito isso, misture até formar um creme homogêneo. Coloque em um recipiente e deixe na geladeira até firmar. Na hora de servir, coloque o chantilly, as raspas de chocolate, a geleia e a calda de chocolate.

BATIDA DE CHOCOLATE*Ingredientes*

300 ml de aguardente

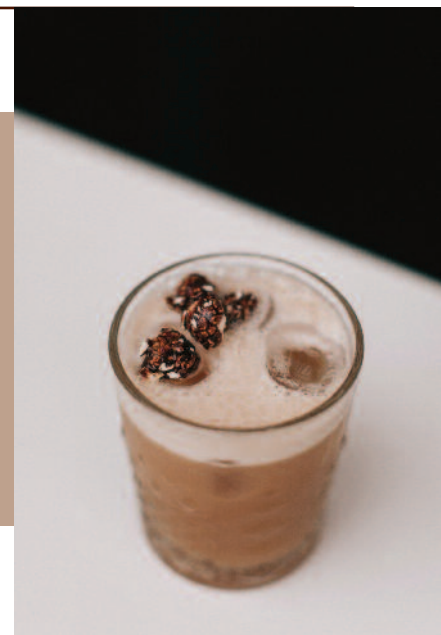
2 latas de leite condensado

3 colheres de sopa de chocolate em pó

Gelo

Modo de preparo

Bata tudo no liquidificador até ficar homogêneo. Depois deixe na geladeira para resfriar antes de servir.



Fotos: Divulgação

**BOMBOM COM CACHAÇA***Ingredientes*

1 colher de chá de xarope de milho

1 colher de sopa de manteiga sem sal

400 g de chocolate meio amargo picado e derretido

Chocolate em pó

40 ml de creme de leite

½ xícara de chá de cachaça

500 g de chocolate ralado

5 ml de essência de limão

Modo de preparo

Em uma panela, coloque a manteiga, o xarope de milho e o creme de leite. Leve ao fogo em banho-maria. Depois de misturar, coloque o chocolate ralado e fique mexendo até derretê-lo totalmente.

Ponha o creme em uma tigela e despeje a cachaça bem devagar, sempre mexendo com uma colher.

Na sequência, coloque a essência de limão e misture até ficar um creme liso. Se não ficar completamente liso, retorne para o banho-maria. Deixe na geladeira de um dia para o outro.

Faça bolinhas com o creme que estava na geladeira e depois banhe-as no chocolate meio amargo já derretido. Para finalizar, passe-as no chocolate em pó.

CAIPIRINHA DE CHOCOLATE

Ingredientes

Suco de 1/4 de limão
½ copo de licor de chocolate
60 ml de cachaça
Gelo
1 limão cortado em quatro

Modo de preparo

Macere o limão em um copo e coloque uma porção de gelo. Adicione o suco de limão, o licor de chocolate e a cachaça. Misture bem.



Foto: Divulgação

SOBRE A WEBER HAUS

A história da família Weber no Brasil tem início em 1824, quando seus membros saíram da cidade alemã de Hunsrück para morar no Lote 48 das encostas da Serra Gaúcha, hoje chamada Ivoti. Ao adquirir as terras, iniciaram o plantio de batata inglesa. Foi só em 1848, com o plantio de cana-de-açúcar, que começaram a elaborar cachaças para consumo. O destilador foi construído após um século e era formado apenas por um galpão com um engenho de tração animal. Atualmente, a Weber Haus já coleciona mais de



Designed by macrovector / Freepik

100 premiações e certificados importantes para a agroindústria.

As variedades de cana utilizadas na produção da Cachaçaria Weber Haus são escolhidas por sua adequação ao solo, por suas características de manejo e grau de doçura. A cana cultivada só recebe tratamentos ecológicos, no plantio, na capina, no corte e na rebrota. Além das cachaças, reconhecidas entre as melhores do país, a destilaria produz gin, rum, bebidas mistas e licores.

www.weberhaus.com.br



VIAGEM PELA COZINHA ASIÁTICA SEM SAIR DE CASA

Um dos principais atrativos da culinária asiática é o gosto Umami, o quinto sabor básico do paladar humano, que confere um toque de magia às preparações

Com características únicas e uma longa história, a culinária asiática reúne pratos tradicionais famosos pela cor, aroma, sabor marcante e aparência. Todos apresentam equilíbrio perfeito e se destacam pelo uso de alimentos que conferem o gosto umami, como cogumelo, tomate e peixes.

Lisiane Miura, *chef* e nutricionista do *Comitê Umami*, explica que a escolha específica por esses ingredientes na

preparação é o que proporciona o sabor irresistível das receitas. *“O umami é o quinto gosto básico do paladar humano, ao lado do doce, salgado, azedo e amargo. E a culinária asiática é capaz de reunir todos os gostos em uma única preparação”.*

Descoberto em 1908 pelo cientista japonês Kikunae Ikeda, o UMAMI foi reconhecido cientificamente no ano 2000, quando pesquisadores da Universidade de

Miami constataram a existência de receptores específicos para este gosto nas papilas gustativas. Suas duas principais características são o aumento da salivação e a continuidade do gosto por alguns minutos após a ingestão do alimento.

Irresistível? Confira, então, os cinco pratos tradicionais da gastronomia asiática indicados por Lisiane Miura, e faça uma viagem sem sair de casa.

JAPÃO

O missô-shiru é uma das sopas mais conhecidas da culinária japonesa e muito popular aqui no Brasil. Ela é preparada com missô, que é uma massa cozida e fermentada à base de soja, além da alga kombu e peixe seco defumado (katsuobushi), que ajudam a poten-

cializar o gosto umami na preparação. *“Essa sopa tradicional japonesa pode levar alguns complementos como algas do tipo wakame e cubinhos de tofu. Por ter alimentos umami como as algas e o peixe, a refeição auxilia a salivação e traz benefícios à digestão e ao organismo”*, destaca a chef.

CHINA

Cozido em um caldo, o hot-pot leva fatias de carne, frutos do mar e vegetais. Geralmente, é possível escolher o sabor do caldo, como cogumelo, tomate, original ou picante. *“Essa opção promove uma maior experiência gustativa, pois os itens que compõem a receita são verdadeiros realçadores de sabor”*, afirma Lisiane.



Fotos: Divulgação

COREIA

O kimchi é uma tradicional conserva muito consumida pela cultura coreana. *“Esta receita é marcada pelo processo de fermentação pelo qual os alimentos passam. O preparo é feito com acelga condimentada e apimentada, além de outros ingredientes característicos do gosto umami, como o nabo, o gochujang, que é uma pasta de*

pimenta vermelha, e molho de peixe. É uma explosão de sabor”, comenta.



Foto: Divulgação

TAILÂNDIA

O arroz também é um grande protagonista da culinária oriental. Na preparação do pad thai, muito popular na Tailândia, não é diferente. O prato de macarrão com arroz frito é uma popular comida de rua no país.



Foto: Divulgação

“A preparação pode levar frango, carne, camarão ou tofu, amendoim, ovo mexido, broto de feijão, molho de peixe (nam pla) e pasta de tamarindo. O resultado é uma refeição harmônica de sabor único, complexo e muito rico em umami”, destaca.

VIETNÃ

Um dos pratos mais representativos da culinária vietnamita é o pho, uma sopa de macarrão de arroz. *“Esta especialidade possui um caldo feito a partir de ossos de boi, gengibre, cebola, especiarias e molho de peixe (nam pla), que confere um intenso gosto umami. A sopa pode ser servida com alguns complementos como carne bovina ou camarão, além dos temperos como cebola, limão e ervas frescas”, finaliza Lisiane Miura.*



Foto: Anônimo / Wikipédia

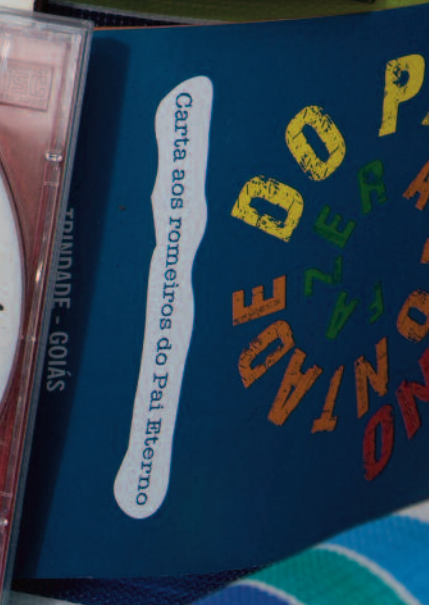
Para saber mais sobre o gosto umami acesse <http://www.portalumami.com.br>

CONTEMPORÂNEO E POPULAR / POPULAR E CONTEMPORÂNEO

...a homenagem.
...o Criador.
...poder.
...mandamentos
...nosso amor e pela vossa ternura.
...graças a vossos
...Vosso Filho.



- 2/ LUCAS CRANACH, O VELHO
«A Crucificação»
117,2 x 92,5 cm
(Dútil)
 - 3/ BRUYN BALTER, O VELHO
«A Virgem com santos e doadora»
78,4 x 57,9 cm
 - 4/ JOOS VAN CLEVE
«A Sagrada Família»
63,3 x 36,6 cm
- Pág. 55
REMBRANDT
«Jovem mulher e janitor»
102 x 84,2 cm



Divino Sobral*

Desde a infância fui afetado pela cultura popular rural e interiorana do povo de Goiás. O lado paterno de minha família chegou ainda no começo da colonização no século XVIII e o lado materno veio de Minas Gerais durante o processo migratório ocorrido no início do século XX. A fusão das culturas tradicionais goiana e mineira foi atravessada pela religiosidade e pelo catolicismo secular, mediada pelas manifestações culturais ligadas às festas religiosas e às romarias anuais.

Meu próprio nome é um ex-voto oferecido ao Divino Pai Eterno na celebração da maior romaria do Centro-Oeste, que acontece na cidade de Trindade e cuja origem remonta a meados do século XIX. Apesar de morar em Goiânia, convivi durante a infância com as bandeiras em torno dos presépios, os foliões com suas vestes, músicas e danças nos pousos de Folia de Santos Reis; ouvi as canti-



Na página anterior: Numinoso
Foto: Paulo Resende

Numinoso

Fotos: Paulo Resende

gas e vi os passos da catira; ouvi as narrativas das viagens em carros-de-bois para as festas da Trindade e do Muquém; escutei as memórias das comemorações de São João e dos antigos folguedos extintos já nos anos 1970; assisti e colaborei com os preparativos para as cavalhadas – manifestações muito vivas no seio familiar; dormi me cobrindo com cobertas tecidas em tear artesanal enquanto absorvia a estética geométrica dos padrões populares tramados pelas mãos das velhas matriarcas.

Certamente as experiências de nascer em uma família atravessada pela cultura popular e de conviver desde criança no ambiente doméstico com tal tipo de expressão cultural afetaram bastante a minha produção artística, a qual porta elementos que falam da passagem da vida rural interiorana para a vida urbana e dos pontos de contato entre os dois ambientes. Em minha produção convergem o arcaico e o contemporâneo, o popular e o erudito, a estética dos subúrbios e a História da Arte. Em meu campo de interesse a escul-

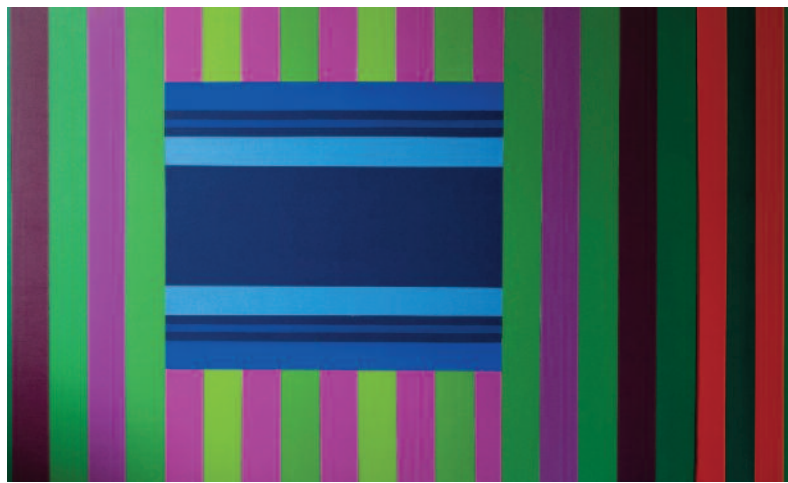
Óleos sobre telas, Sem título

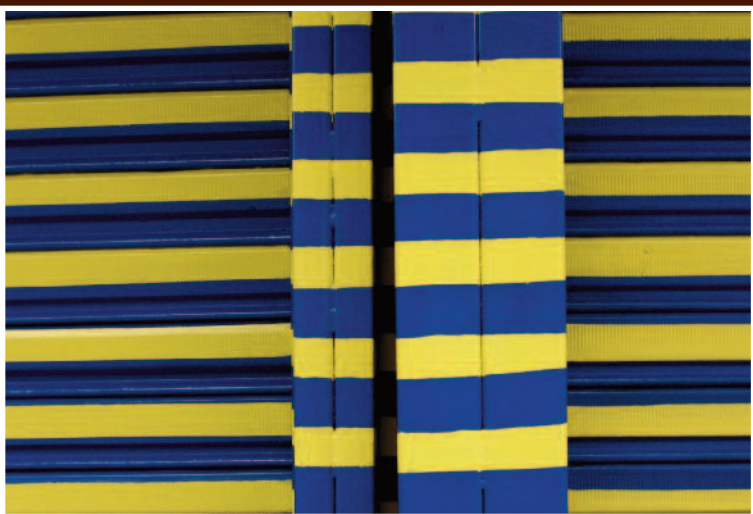


tura pós-minimalista cruza com a sabedoria dos objetos populares, a abstração construtivista internacional toca na geometria comercial suburbana, e o campo conceitual da arte se abre para receber o raciocínio da lógica artesanal.

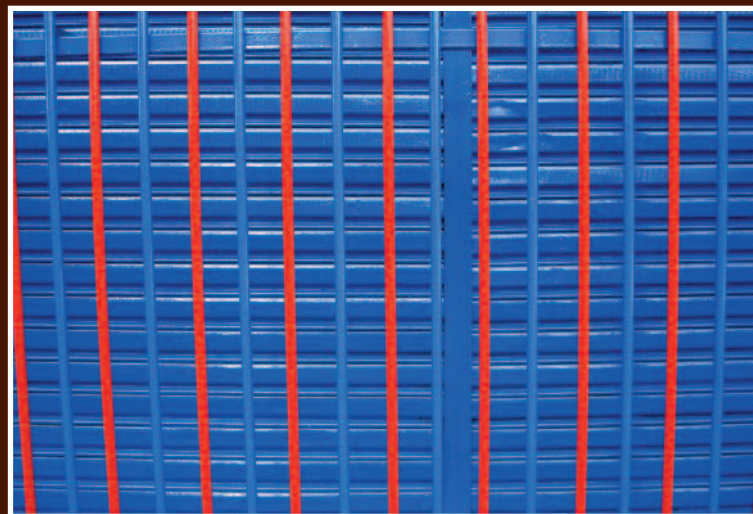
Obra da produção recente que levou cerca de três anos para reunir todo o material, a instalação chamada *Numinoso* funciona como um trabalho em processo, é um grande arquivo sobre a iconografia e as narrativas do Divino Espírito Santo e das Festas do Divino e do Divino Pai Eterno. Peças de arte popular e artesanatos de diferentes materiais e procedências, livros de Literatura e de História da Arte, revistas, jornais, cartazes, DVDs e CDs, fotografias, imagens de gesso ou madeira ou resina, folhetos, velas votivas, camisetas, garrafas de água benta, pequenos souvenirs e mais uma quantidade de badulaques estampados com as representações do Divino são reunidos dentro de sacolas de feira alinhadas sobre o chão da galeria como uma proclamação. As montagens nos interiores das sacolas prezam

Fotos: Cortesia Galeria Andrea Rehder





Avizinhamentos



Fotos: Divino Sobral

a teatralidade da cena, o diálogo entre elementos de diferentes extratos visuais, o confronto entre a longa duração do tema e a efemeridade da forma dada à obra, que não se fecha em si mesma e se abre ao olhar reverenciador do observador.

A figura da pomba do Divino começou a ser representada na arte por volta do século V e ganhou contorno canônico com a representação do arquiteto Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) na absida da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Artistas dos períodos medieval, renascentista, barroco, e mesmo moderno trabalharam o tema. As representações eruditas absorvidas pela indústria e pelo povo foram transformadas tanto em produtos *kitsch* quanto em objetos afetados pela mão popular. Funcionando como oratórios de trânsito, as sacolas de feira trazem a estética suburbana e a linguagem construtivista da arte moderna nas faixas de cores consonantes e dissonantes exibindo sua grande potencialidade pictórica.

A série de pinturas *Sem título* surgiu da investigação das pinturas das fachadas comerciais de Goiânia (fo-

tografadas durante bastante tempo as quais chamei de *Avizinhamentos*), que seguem diferentes modelos baseados na linguagem construtivista e também adotam a mesma liberdade cromática presente nos tecidos de nylon usados nas sacolas de feira e cadeiras de praia.

Nas pinturas que realizo os aspectos erudito e popular se encontram e se fundem na experiência da vibração da cor e na cadência rítmica da ocupação do espaço bidimensional; as sequências de planos, faixas e linhas de cores em sistemas de contraste ou de harmonia acentuam a musicalidade da cor; as veladuras resultadas das sucessivas aplicações de camadas transparentes de tinta a óleo criam aveludados e intensificam a ação da luz sobre a pincelada discreta, mas pulsante.

Estas são questões formais que surgem, se processam e se resolvem na conversa entre elementos extraídos da herança erudita do construtivismo e elementos resgatados da plasticidade popular brasileira.

*Divino Sobral é artista plástico e curador independente. Vive e trabalha em Goiânia/GO.

ALTER DO CHÃO, ROTINA DE MANSIDÃO À BEIRA DO RIO



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Com paisagem caribenha e quilômetros de praias de areia branca, Alter do Chão mantém uma rotina de mansidão à beira do rio Tapajós, mas ainda é um destino pouco conhecido dentro do Brasil



Apenas 37 km separam o aeroporto de Santarém, no Pará, de uma pacata vila de pescadores que, de tão genuína, tem o poder de surpreender e encantar de imediato quem já rodou Brasil adentro e mundo afora. E embora Alter do Chão ainda seja pouco divulgado por aqui, ele foi louvado pelo jornal britânico *The Guardian*, que o elegeu como a mais bela praia brasileira e ainda o coroou com o título de "*Caribe do Amazonas*".

Mas nem isso afetou o estilo de vida simples e despojado do lugar: os habitantes se orgulham de preservar

aquela aura típica de cidadezinha do interior, onde o tempo não tem pressa. Por outro lado, o ambiente se tornou bem mais eclético desde que começou a afluência de estrangeiros, a maioria visitantes de passagem e que acabaram sucumbindo à magia do local, ficando raízes e montando pequenos negócios.

Tudo isso acrescentou mais uma pitada de charme ao já pitoresco cenário de Alter e, é claro, ajudou a incrementar a infraestrutura turística. À noite, uma torre de Babel em miniatura se concentra em volta da praça

principal da vila, embalada por sons do castelhano, inglês, francês e italiano, mesclada com o ritmo do carimbó, gênero típico do Pará.

NO RITMO DAS CATRAIAS E BAJARAS

É fundamental acordar bem cedo em Alter, e aproveitar para se mexer antes que o calor fique estonteante. A claridade das 6h30 já permite começar a programação com uma bucólica caminhada na praia deserta em direção ao Píer, burlando os primeiros raios e aproveitando para dar um mergulho nas águas tépidas.

Sem vento, o rio Tapajós fica tão liso que parece um tapete translúcido, no qual as nuvens conseguem se refletir com nitidez, criando um efeito visual impressionante. Também a esta hora, as ruas ainda estão vazias, favorecendo explorar a pé alguns recantos por detrás da vila, em ruas não pavimentadas, onde ficam as belas casas de veraneio. Deixe para tomar o café da manhã na

sua pousada depois destas andanças, para em seguida descer novamente até a beira do rio e escolher qual é o passeio de barco que se encaixa melhor no seu perfil.

Além das enormes "gaiolas", que fazem *charters* pela região, há lanchas de alumínio, canoas, bajaranas e catraias. Estas duas últimas são típicas da região, a primeira com motor e potencial para levar passageiros aos igarapés e às praias vizinhas, a segunda – movida a remo – apenas para fazer a microtravessia entre o continente e a disputada Praia do Amor, uma ilhota que se transformou no cartão postal de Alter, mas que fica inteiramente submersa entre fevereiro e junho, época em que a paisagem da vila é quase irreconhecível.

A maioria das pessoas que chega até Alter do Chão passa o dia em espreguiçadeiras na Praia do Amor, em redes debaixo da sombra das barracas ou de molho na água. Mas é um pecado não aproveitar o generoso





leque de atrativos que só pode ser desvendado de barco. Se chegar na vila no meio da tarde, agende o primeiro programa com um passeio para admirar o pôr do sol. Logo, vai dar para entender o porquê. Vá de lancha ou embarque numa simpática bajara, e em cerca de meia hora estará pisando num banco de areia chamado Ponta do Cururu, onde o *grand finale* são os últimos raios de sol derretendo vagarosamente no horizonte enquanto alguns botos marotos fazem peripécias a poucos metros da areia.

Agende com o barqueiro o passeio da manhã seguinte, para aproveitar o dia inteiro. O itinerário tem que incluir o Igarapé do Macaco, onde se penetra com a embarcação numa "piscina" gelada e absolutamente translúcida, com água que bate só até a cintura. Toda a área

é banhada por uma vegetação endêmica e o fundo é de areia fofa. Segundo o guia, ali dá muito tucunaré e tambaqui, peixes tipicamente amazonenses. A Ponta do Muretá e a do Caxambúm são paradas estratégicas para se refrescar no rio, já nem tão transparente, mas muito convidativo.

Depois, vale conhecer o lago Jucuir, antes de reabastecer as energias com bebidas geladinhas e um almoço à base de peixe em restaurantes ao longo das margens do Tapajós. O do Lica, como qualquer um deles, oferece até um serviço de praia *sui generis*: através de celular, você liga para um dos números que estão marcados numa folha grudada na estrutura superior da barraca e faz o pedido. Assim, não desperdiça tempo: as cadeiras, mesas com cobertura e espres-

guiçadeiras ficam literalmente dentro d'água, e a cozinha, digamos, muito mais distante.

Mais tarde, o roteiro prossegue até o pequeno igarapé de Iruçanga, no qual se chega a pé ao poço de água gélida, onde dá para mergulhar de corpo inteiro – uma das sensações térmicas mais refrescantes que alguém possa idealizar.

A SURPREENDENTE GASTRONOMIA DE ALTER DO CHÃO

O foco de atenção se concentra nos arredores da Praça 7 de Setembro, onde fica o coreto, as lojinhas de artesanato, as barraquinhas de comes e bebes, os restaurantes, os bares, o pequeno supermercado, uma farmácia e a igreja. Nos restaurantes os pratos são inovadores e, não raro, mesclados com ingredientes regionais. Se preferir algo mais legítimo, vá às barraquinhas para experimentar um tacacá, prato indígena a base de tucupi e camarão seco, servido como um caldo. Come-se muito bem em Alter, surpreendentemente bem.

Ao anoitecer, uma turma eclética se reúne em torno de mesas colocadas na calçada próximo à praça, para bebericar ou jantar *al fresco*. Nos finais de semana a noitada é animada com música ao vivo, e o ambiente é sempre descontraído. O serviço é íntimo, e o dono está sempre por perto. Em Alter do Chão, não há cacofonia, tudo é harmonia.





SERVIÇO – www.alterdochao.tur.br

De Belém a Santarém, porta de entrada para Alter do Chão, há voos da TAM e GOL. Do aeroporto, o melhor é pegar um táxi e combinar o preço. São 37 km.

ATIVIDADES

Passeios de barco: os preços variam conforme a demanda: pôr do sol (1h30) em torno de R\$ 200 para 3 pessoas; dia todo (6h) incluindo Igarapés e Ponta do Pintobal R\$ 400 para 3 pessoas. Guias locais: Moysés Turismo tel.: 93 91758441 / Sérgio tel.: 93 92026625

ONDE COMER

Arco Iris da Amazônia

arcoirisdaamazonia@bol.com.br

Mãe Natureza – Praça 7 de setembro s/n

Farol da Ilha – Orla de Alter do Chão, s/n

ONDE FICAR

Belo Alter Hotel – www.beloalter.com.br

Pousada do Mingote

www.pousadadomingote.com.br

Hotel Mirante da Ilha

www.hotelmirantedailha.com.br

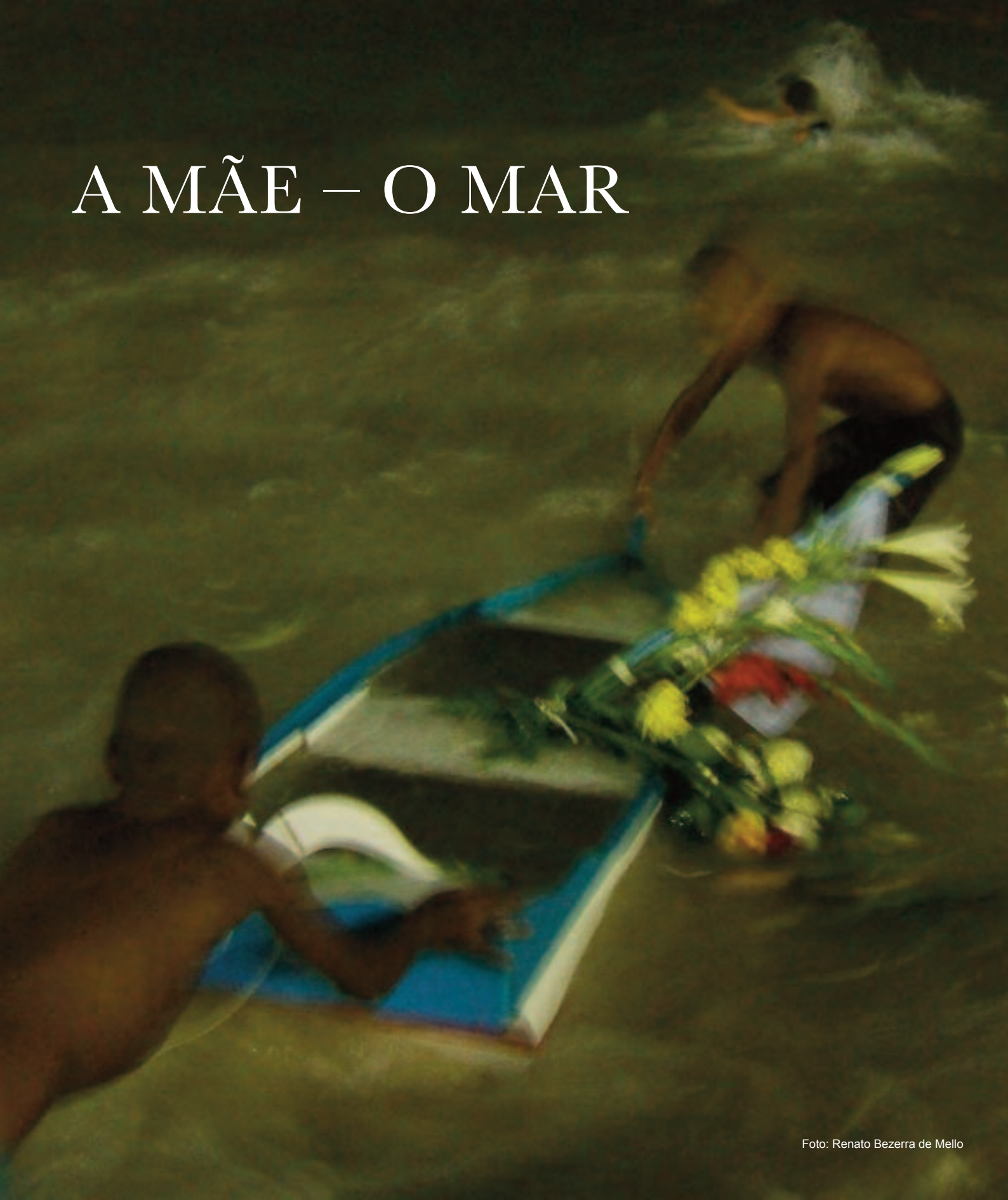
COMPRAS

Araribá Cultura Indígena – www.araribah.com.br

Perto do centrinho, oferece objetos de artesanato provenientes de mais de 80 culturas indígenas. O acervo é fantástico. E não deixe de visitar as barracas montadas próximo à praia, onde vendem lindos chapéus de palha.



A MÃE – O MAR



Renato Bezerra de Mello*

Bem criança, no Recife, ouvia que um amigo dos meus pais era devoto de Iemanjá, lhe ofertava palmas brancas em Boa Viagem e Tamandaré, aonde alternava moradia e veraneio, em casa de pescadores.

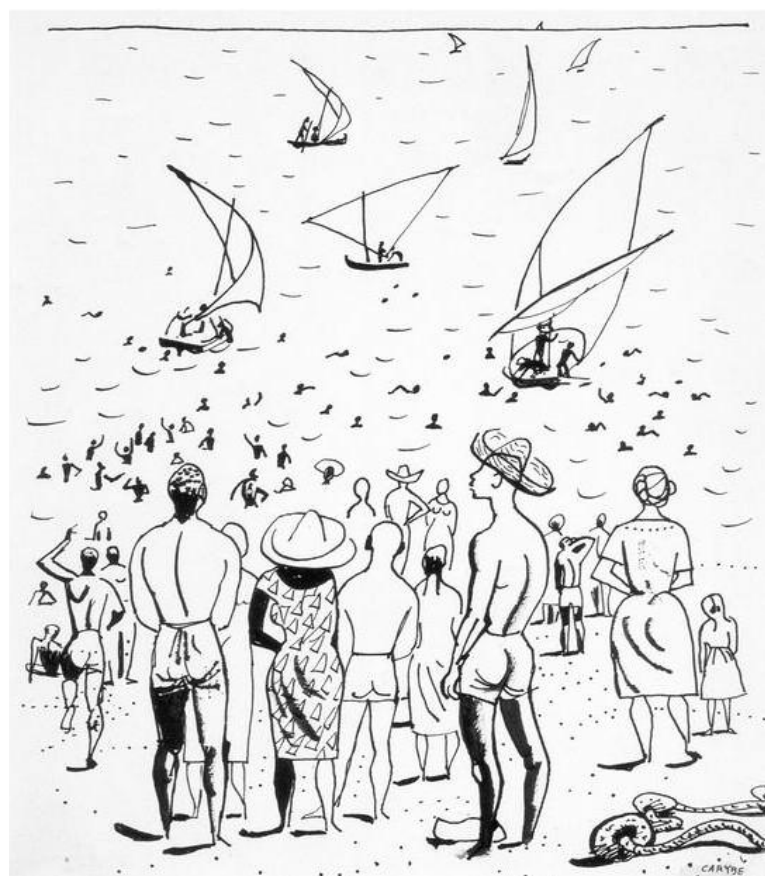
O alto-mar de Tamandaré é uma das mais lindas lembranças que guardo da minha infância, com saídas para pescar com esse amigo e pescadores locais, que mergulhavam profundo, no fôlego, trazendo à tona deliciosos peixes.

Vem daí a minha ideia de Iemanjá, tendo a vaga lembrança de que o ritual era vivido na intimidade, na relação do nosso amigo com a Divindade que o acolheu, não cabendo alvoroços e olhares simplesmente curiosos.

Pouco a pouco, fui colhendo fragmentos: nos livros de Jorge Amado e nos desenhos de Carybé; nas canções de Caymmi e nas vozes de Nana e Bethânia; nas novelas baseadas na nossa literatura e nas reportagens fotográficas (Pierre Verger, talvez), das revistas da época, apresentando a festa do 2 de fevereiro na Bahia, que tive a felicidade de acompanhar, anos depois, como funcionário do Patrimônio Histórico.

E no Rio de Janeiro, aonde a partir dos anos 1980, fui aumentando o encantamento por Iemanjá, nas comemorações de Novo Ano em Copacabana.

Naquela época, antes dos fogos de artifício assumirem o protagonismo da festa, e nos distraírem no céu e de tudo o mais que havia, a beira do mar ficava toda acessa – lindos desenhos abertos na areia, sulcos preenchidos por milhares de velas – simbolizavam dos Orixás do Candomblé e da Umbanda.



Desenho de Carybé

Essa inesquecível beleza – da larga faixa de areia de Copacabana parecendo arder em brasa – espero, nunca abandone a minha memória.

Hoje em dia, tenho com Iemanjá uma outra ligação: nadado no mar quase diariamente, me sentindo acolhido, abraçado, imerso nas suas águas. E agradeço, peço que mostre caminhos, que acompanhe e proteja, a mim, aos que amo, a todos nós.

No exemplar que tenho de Mar Morto, Jorge Amado, logo no início nos diz, e nos chama:

O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde ouvir essas histórias e essas canções. (...) que é a história da vida e do amor do mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a nar-

ram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções, e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (Mar morto: romance, Rio de Janeiro, Record, 1977, 42ª ed.)

Tenho vontade, mas não o tempo, de reler o livro enquanto escrevo, recorrendo assim às páginas de ponta dobrada, aonde encontro o que não quer ser esquecido. Tenho vontade de transcrevê-las todas, por inteiro, são lindas.

E ainda, tenho vontade de ler muito mais sobre Iemanjá, indo além do deslumbramento que me provoca, o que não é pouco. Tudo começa por aí. Pois deslumbramento, quando consulto Houaiss, é *turvação da vista causada por excesso de luz, brilho (...) estado de espírito de quem é tomado por viva admiração.* (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 1. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009)

* Renato Bezerra de Mello é artista plástico



Iemanjá
Foto: Riotur / Flickr

ARTE E DESIGN EM AMBIENTE GEORGIANO



Escultura de Ynka Shonibare, *Wounded amazon 'after Sosisikles'*
(Amazona ferida 'depois de Sósikes'); pintura de Luiz Zerbini, *Psicótico*

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato

As semanas que antecederam a abertura de galerias de artes e lojas foram difíceis, minha expectativa de liberdade se misturava com o *fog* londrino que habitou minha mente por meses provocando uma montanha russa de emoções.

Receosa, feliz e mascarada, numa tarde ensolarada da primeira semana pós-lockdown, subi no ônibus vermelho de dois andares número 73 e fui para o *West End* de Londres. Escolhi ver uma exposição da Galeria Stephen Friedman, em colaboração com a loja de design Modernity de Estocolmo, no número 14 da Praça Cavendish em Londres.

A loja não tem sede na capital inglesa e ocupa temporariamente o magnífico espaço com móveis e objetos de design, realizando exposições em parceria com galerias convidadas, que “vestem” a casa com obras dos artistas que representam, compondo um diálogo perfeito entre os móveis, objetos, pinturas e esculturas. Imperdível!

A propriedade foi construída pelo arquiteto George Foster Tufnell em 1770, na época georgiana com estilo arquitetônico palladiano, baseada no design do arquiteto italiano Andrea Palladio (1508-1580), que geralmente data do período 1600 - 1700. O paladianismo foi um estilo popular no Reino Unido em meados do século XVII, no final do século XVIII, e depois nos Estados Unidos, especialmente com Thomas Jefferson.

A mansão é tombada, e até que um inquilino seja encontrado para *14 Cavendish Square* (programada para se transformar num espaço de escritório ultramoderno), esse exemplo nobre



Acima: Rivane Neuenschwander, *O nome do medo* (recortes) – *Diabo / Fantasmas / Morar na rua / Janela aberta*; abaixo: Tónico Lemos Auad, *Figura vermelha / O mundo é preto como tinta*



da arquitetura georgiana foi devolvido ao seu estado bruto, onde as características originais, como cornijas ornamentadas, pisos de pedra e janelas com venezianas elegantes, se misturam com pintura descascada, cabos e tijolos expostos. O resultado é uma harmonia extraordinária que transforma o endereço numa opção muito mais interessante do que o cubo branco padrão de uma galeria ou estande de feira de arte e design.

Foi nesse cenário perfeito – que reúne uma seleção diversificada de arte contemporânea internacional e o melhor do design nórdico clássico em oito salas nas quais os ambientes domésticos são criados para

mostrar arte e design de alta qualidade – que pude apreciar obras dos três brasileiros representados pela galeria: Tônico Lemos Auad, Rivane Neuenschwander e Luiz Zerbini.

Ao percorrer os espaços me vi pensando nas diversas justaposições entre as diferentes memórias: da mansão da época dos reis George I, II, III e IV, dos móveis modernos escandinavos de Arne Jacobsen, Alvar Aalto, Axel Salto, Berndt Friberg e da arte contemporânea. A produção é um espetáculo estético de profunda beleza. E a conversa entre as obras dos artistas e designers mostra como seus trabalhos complementam os ambientes.

Obra de Luiz Zerbini





Wayne Ganzales, *17th Street Canal from Bucktown, New Orleans, EUA*

Quando me deparei com o quadro de Zerbini lembrei de um comentário que o artista fez sobre suas obras: *“Cultura e natureza, arquitetura urbana e natureza. Estou tentando criar atrito entre eles para fazer fogo”*.

Suas referências da cidade, cultura, arquitetura e flora aumentaram minhas saudades do Rio de Janeiro que a pandemia me priva de visitar. Os trabalhos de Rivane estão expostos de uma maneira íntima, muito apropriada ao título da obra, *“O Nome do medo”*, inspirada nos trabalhos criados por crianças no workshop que a artista fez no MAR – Museu de Arte do Rio, cujo tema era criação de imagens assustadoras.

De Tonico Lemos Auad há duas esculturas totem de madeira reciclada de edifícios históricos de Londres, inspiradas nos jardins e esculturas feitas com objetos

e madeiras encontradas ao longo da praia por Derek Jarman em Dungenes. A poesia de sua arte nasce através de seu talento na utilização de materiais simples e de objetos de uso no cotidiano.

A Modernity Gallery, de Andrew Duncanson, nasceu em 1998 quando o designer saiu da Escócia e se mudou para Estocolmo. Localizada no coração do distrito de design central de Estocolmo, Östermalm, vende peças dos principais designers da Suécia, Dinamarca e Finlândia e se expandiu para o mercado internacional, exibindo em feiras de arte e design em Londres, Nova York, Paris e Maastricht.

A galeria Stephen Friedman foi inaugurada em 1995, em Mayfair, com três espaços nos quais acolhe exposições individuais e coletivas de arte contemporânea

ao longo do ano. Friedman mostra arte conceitual, sul-americana, abstração, minimalismo, e figuração em pintura, escultura, vídeo e instalação de seus vinte e cinco artistas, entre os quais Tonico Lemos Auad, Rivane Neuenschwander e Luiz Zerbini.

O primeiro contato de Friedman com arte brasileira ocorreu durante sua visita à Bienal de São Paulo com curadoria de Paulo Herkenhoff, quando acompanhou o artista William Kentridge que participava da mostra.

Na ocasião, o artista plástico Marcantonio Vilaça (falecido em 2000), um dos maiores colecionadores de arte contemporânea brasileira, e um dos nomes mais relevantes na promoção da arte nacional mundo afora, o introduziu a artistas, curadores e colecionadores.

Desde então, Friedman mantém um forte relacionamento com a arte produzida no Brasil, através de suas representações, curadoria e com sua coleção de móveis modernos brasileiros.

ZERBINI E O “FOGO”

Numa outra manhã ensolarada visitei, com um grupo de jovens colecionadoras de arte, a exposição do Luiz Zerbini na galeria Stephen Friedman, em Mayfair.

Muito interessante ver o quanto o trabalho pode mudar durante sua trajetória de vida. Na mansão da Praça Cavendish o quadro conversa com obras de artistas e designers, já em Mayfair as obras conversam entre si, num tom mais alto que nos permite escutar melhor a conversa.

Zerbini conta numa entrevista que ouviu alguém dizer que as pinturas falam, e achou que a referência era uma metáfora. Mas depois de meses olhando para a mesma pintura descobriu que ela não só fala, mas também dá respostas. A partir daí, passou a considerar a pintura como um oráculo.

As obras na exposição “*Fire*” (Fogo) foram inspiradas na Amazônia e Mata Atlântica, nossa flora e fauna. O título da mostra, segundo o artista, foi definido por uma de suas próprias pinturas que parecia estar pegando fogo quando, certa manhã, ele entrou no ateliê. É também uma alusão às queimadas nas matas na Amazônia, Califórnia, Austrália.

Os backgrounds dos trabalhos figurativos na Galeria Stephen Friedman se tornam protagonistas principais, e as formas geométricas e orgânicas representam na linguagem do artista os padrões e estruturas das plantas.

Desde o início da pandemia, nossas casas se transformaram em locais de trabalho, escolas, academias e bar. Além das mudanças e adaptações necessárias, notamos também a dinâmica dos objetos e arte no espaço que vivemos.

As duas exposições podem ser vistas on-line
<https://www.stephenfriedman.com/exhibitions/137-stephen-friedman-gallery-at-the-london-house-of/>

https://www.stephenfriedman.com/usr/documents/exhibitions/press_release_url/147/luiz-zerbini-fire-pr.pdf

